CICLOTURISMO: O QUE IMPORTA É O CAMINHO - MUDANÇAS CLIMÁTICAS E A BICICLETA COMO FERRAMENTA DE PLANEJAMENTO TERRITORIAL E POLÍTICAS PÚBLICAS EM NITERÓI (RJ)

Helena Porto[1]
Fátima Priscila Morela Edra[2]

1. INTRODUÇÃO

A bicicleta, tradicionalmente associada ao transporte e ao lazer, vem ganhando relevância como ferramenta de mobilidade urbana sustentável, planejamento territorial e, mais recentemente, como meio de turismo: o cicloturismo. Em um contexto marcado pelo agravamento das mudanças climáticas e pela urgência de transição para modelos de desenvolvimento de baixo carbono, essa prática se destaca por articular mobilidade, lazer, meio ambiente e experiências turísticas e culturais, em sintonia com os debates contemporâneos sobre sustentabilidade e produção do espaço urbano.

O cicloturismo pode ser compreendido como toda viagem ou atividade turística que utiliza a bicicleta como principal meio de deslocamento, alinhando-se às estratégias de mitigação das mudanças climáticas ao promover deslocamentos não motorizados e a redução de emissões de gases de efeito estufa. Trata-se de uma prática de baixo impacto ambiental e social, que tem nos recursos naturais e culturais seus principais atrativos e favorece um turismo mais humano e afetivo, com trocas entre visitantes e comunidades locais. Como destacam Teixeira e Edra, “ao deslocar-se fazendo uso da bicicleta, o indivíduo interage mais com o espaço urbano [...], possibilitando que o turista e/ou visitante vivencie, de fato, a cidade” (TEIXEIRA; EDRA, 2018, p. 38).

Nesse sentido, a bicicleta permite uma experiência ampliada e sensível do território, favorecendo formas mais lentas, próximas e integradas de vivência urbana. Tal perspectiva aproxima o cicloturismo de modelos de turismo de base local e de práticas menos intensivas em carbono, relevantes no enfrentamento da crise climática. Por um lado, a bicicleta se apresenta como alternativa ao automóvel, alinhada à mobilidade ativa e à melhoria da qualidade de vida urbana. Por outro, sua

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Turismo (PPGTUR) da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail. Instituição de vínculo atual.
[2] Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Turismo (PPGTUR) e da Faculdade de Turismo e Hotelaria (FTH) da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail. Instituição de vínculo atual.

consolidação enfrenta desafios em cidades estruturadas para fluxos motorizados, marcadas por descontinuidades na infraestrutura cicloviária, insegurança viária e conflitos de uso do espaço público. Nesse contexto, o desenvolvimento do cicloturismo demanda políticas públicas integradas, que reconheçam a bicicleta como meio de transporte, prática turística e estratégia de desenvolvimento territorial.

Além disso, os investimentos em infraestrutura cicloviária voltados ao turismo geram impactos positivos que extrapolam o setor turístico, contribuindo para a mobilidade ativa, a economia local, e a resiliência urbana. Assim, o cicloturismo se apresenta como potencial indutor de políticas mais amplas de sustentabilidade e enfrentamento das mudanças climáticas.

Diferentemente de outras atividades turísticas, nas quais o destino ocupa um papel central, no cicloturismo o que se valoriza é o caminho percorrido. O percurso torna-se elemento central da experiência, promovendo uma forma de conhecer o território mais lenta, sensorial e integrada ao cotidiano das comunidades locais. A partir da hipótese de que, no cicloturismo, “o que importa é o caminho”, este projeto busca investigar como essa percepção é construída e de que maneira pode ser mobilizada como instrumento de planejamento territorial e desenvolvimento turístico de baixo carbono em Niterói.

2. METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, adequada à complexidade dos processos sociais, urbanos, turísticos e ambientais envolvidos. Considerando o contexto das mudanças climáticas, busca-se compreender o cicloturismo como prática articulada às agendas de mitigação de emissões, adaptação urbana e transição para modelos territoriais mais sustentáveis.

Adota-se uma perspectiva metodológica dialógica, inspirada em Paulo Freire (2005), valorizando o diálogo e a construção coletiva do conhecimento. O município de Niterói constitui o estudo de caso, permitindo uma análise aprofundada de suas dinâmicas territoriais e políticas, com potencial de diálogo com outras cidades brasileiras de médio porte.

O percurso metodológico inclui revisão bibliográfica e documental sobre cicloturismo, mobilidade sustentável, mudanças climáticas, planejamento territorial e políticas públicas cicloinclusivas. Em seguida, realiza-se análise de planos, leis e programas relacionados à mobilidade e ao turismo em Niterói, com destaque para o Plano Municipal de Cicloturismo, buscando identificar sua articulação com estratégias de sustentabilidade e adaptação climática.

O trabalho de campo envolve entrevistas semiestruturadas com gestores públicos, cicloturistas, moradores, empreendedores e representantes da sociedade civil, visando compreender percepções, experiências e dinâmicas de governança. Paralelamente, serão realizadas observações diretas em áreas urbanas e naturais utilizadas para o cicloturismo, com registros em diário de campo, fotografias e georreferenciamento.

Por fim, será desenvolvido um mapeamento cartográfico analítico e afetivo, integrando infraestrutura cicloviária, atrativos turísticos e experiências vividas. Essa leitura ampliada do território contribui para compreender o papel do cicloturismo na construção de cidades mais sustentáveis e resilientes.

3. RESULTADOS ESPERADOS

Os resultados esperados indicam que o cicloturismo tende a se consolidar como um campo interdisciplinar em construção, marcado pela diversidade de abordagens. Tal característica aponta para a complexidade do fenômeno e para a necessidade de análises sensíveis às especificidades territoriais, especialmente no contexto das mudanças climáticas.

Espera-se observar que o cicloturismo vem sendo mobilizado como estratégia de desenvolvimento territorial, sobretudo por meio da criação de rotas e circuitos. Alinhado a modelos de turismo de baixo carbono, apresenta potencial para contribuir com a redução de emissões e para a promoção de formas mais sustentáveis de uso do espaço urbano e turístico. No entanto, parte-se da hipótese de que sua consolidação depende diretamente da articulação entre políticas públicas, planejamento urbano e governança.

Nesse sentido, considera-se que os espaços do cicloturismo são construídos a partir da sobreposição de interesses de diferentes agentes, como poder público, iniciativa privada, comunidades locais e ciclistas, configurando contextos marcados por negociações, disputas e complementaridades. Tal compreensão dialoga com a perspectiva de Fratucci, ao afirmar que “a complexidade do território do turismo abrange territorialidades superpostas de diferentes grupos de agentes sociais, com interesses, expectativas e subjetividades específicas, que ora se complementam, ora se contrapõem, exigindo dos gestores visões mais ampliadas e dialógicas” (FRATUCCI, 2014, p. 95). A partir disso, pressupõe-se que a ausência de integração entre essas esferas, associada à descontinuidade institucional, configure um dos principais obstáculos à consolidação do cicloturismo.

No que se refere à experiência cicloturística, espera-se identificar sua centralidade enquanto prática marcada por ritmos mais lentos, maior proximidade com a paisagem e interação com a população e o cotidiano local. Ao mesmo tempo,

parte-se da hipótese de que essa experiência é tensionada por limitações estruturais, como insegurança viária e descontinuidade da infraestrutura, evidenciando sua relação com debates mais amplos sobre mobilidade urbana, justiça espacial e adaptação às mudanças climáticas.

Por fim, espera-se que os resultados evidenciem que, quando planejado de forma integrada, o cicloturismo pode gerar impactos positivos, como o estímulo à mobilidade ativa, a requalificação urbana, a inclusão socioespacial e a valorização do patrimônio natural e cultural. No caso de Niterói, parte-se da hipótese de que a existência de políticas públicas cicloinclusivas e de iniciativas voltadas à estruturação de rotas contribua para a configuração de um cenário favorável ao desenvolvimento do cicloturismo, ainda que permeado por desafios institucionais e territoriais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho não busca oferecer respostas definitivas, mas funcionar como uma bússola analítica para compreender o cicloturismo em sua interface com o planejamento territorial e as mudanças climáticas. Em um cenário de crescente pressão sobre os sistemas urbanos e ambientais, o cicloturismo emerge não apenas como uma prática turística, mas como um campo estratégico para pensar transições possíveis rumo a cidades mais sustentáveis, resilientes e de baixo carbono.

A análise evidencia que o potencial do cicloturismo está diretamente relacionado à capacidade de articulação entre políticas públicas, planejamento urbano e participação social. Mais do que infraestrutura física, trata-se de construir condições institucionais, culturais e territoriais que reconheçam a bicicleta como elemento estruturante de novas formas de mobilidade, turismo e produção do espaço.

Nesse sentido, algumas questões permanecem em aberto e orientam a continuidade desta pesquisa: como cidades com políticas públicas cicloinclusivas podem fortalecer o cicloturismo como estratégia de mitigação e adaptação às mudanças climáticas? Em que medida a integração entre infraestrutura cicloviária, patrimônio cultural e recursos naturais contribui para a construção de destinos turísticos mais sustentáveis e atrativos? Quais são os impactos sociais, econômicos e ambientais do cicloturismo em contextos urbanos que investem em mobilidade ativa? Como o planejamento do cicloturismo pode contribuir para a requalificação urbana e para a promoção da justiça socioespacial?

Além disso, permanece como desafio compreender de que forma o cicloturismo pode contribuir para a construção de narrativas urbanas mais sensíveis ao território, à memória e às pessoas, especialmente em um contexto de crise

climática que exige novas formas de habitar, circular e experienciar as cidades. A valorização do caminho enquanto espaço de experiência, encontro e transformação, aponta para possibilidades de ressignificação do turismo, deslocando o foco do consumo de destinos para a experiência e vivência dos territórios.

Do ponto de vista científico, identificam-se lacunas importantes que configuram uma agenda futura de pesquisa. Destacam-se: a necessidade de ampliação de estudos comparativos entre diferentes cidades e regiões; o desenvolvimento de indicadores que integrem mobilidade, turismo e sustentabilidade; a realização de pesquisas empíricas de médio e longo prazo; e o aprofundamento das análises sobre governança, participação social e impactos territoriais do cicloturismo, especialmente à luz das mudanças climáticas.

Por fim, ao propor uma leitura integrada entre cicloturismo, planejamento territorial e crise climática, este trabalho reforça a importância de abordagens interdisciplinares e situadas. Mais do que um nicho específico do turismo, o cicloturismo se apresenta como uma lente analítica potente para repensar práticas urbanas e turísticas contemporâneas, contribuindo para a construção de cidades mais humanas, inclusivas e ambientalmente responsáveis.

PALAVRAS-CHAVE

Cicloturismo, Mudanças Climáticas, Planejamento Territorial, Turismo Sustentável, Mobilidade Ativa.

REFERÊNCIAS

EDRA, Fátima Priscila Morela; CASTRO, Juliana de; SALDANHA, Luiz Emerson da Cruz (org.). Cicloturismo urbano em foco. Niterói. FTH/UFF, 2017

EDRA, Fátima Priscila Morela; DEUS, Fernanda Monteiro Lobão. Cenário do cicloturismo brasileiro: publicações, divulgações e roteiros. 2023.

EDRA, Fátima Priscila Morela; TEIXEIRA, Camila; FALBO, Letícia. Cicloturismo, potencial adormecido em Niterói. 2019.

FRATUCCI, Aguinaldo Cesar. Turismo e território: relações e complexidades. Caderno Virtual do Turismo. Rio de Janeiro, v. 14, supl. 1, s.87-s.96, nov. 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EdUSP, 2006.

TEIXEIRA, C. A. & EDRA, F. P. M. Bicicleta no planejamento urbano e nas estratégias: um aproveitamento para o turismo. Revista Turismo e Desenvolvimento, Aveiro, 37-49. 2018.

TEIXEIRA, Camila de Almeida; EDRA, Fátima P. M. Cicloturismo: origem e conceito da palavra a partir de Koselleck. 2019.